



**“O momento é japonês”:  
China e Japão em crônicas de Machado de Assis**

***“The Moment is Japanese”:  
China and Japan in the Chronicles of Machado de Assis***

Kelly Yshida

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil  
kellyshida@gmail.com

**Resumo:** Enquanto escreveu para *Gazeta de Notícias*, um dos temas discutidos por Machado de Assis foi a imigração de trabalhadores asiáticos, especialmente da China e do Japão. Neste artigo, interessa compreender o modo como o autor tinha acesso às informações sobre esses países e como lidava com elas diante das questões nacionais. Tratando-se de crônicas jornalísticas, muito do conhecimento e diálogos sobre o tema eram mediados por notícias, mas também por livros e telegramas internacionais. Nesse sentido, uma aproximação inicial dos estudos da tradução nos auxilia a compreender as estratégias narrativas do autor. Machado debatia os acontecimentos recentes e, desse modo, seus textos foram um dos meios que apresentaram a Ásia no Brasil oitocentista, possibilitando acompanhar as considerações sobre o continente, bem como sobre a vinda de seus imigrantes para o trabalho na lavoura.

**Palavras-chave:** crônica jornalística; Machado de Assis; Ásia

**Abstract:** While writing to *Gazeta de Notícias*, one of the topics discussed by Machado de Assis was the immigration of Asian labourers, mostly from China and Japan. The purpose of this article is to understand how the author had access to information about these countries and how he dealt with it regarding national issues. As he was writing journalistic chronicles, he made connections not only with news, but also with books and international telegrams. Therefore, an initial approach of translation studies helps us to understand the narrative strategies of Machado de Assis. He debated the recent events and, in this case, those chronicles were used to introduce Asia in Brazil in the late nineteenth century, making it possible to understand the idea that Brazilians had about Asian immigrants in Brazil as working force for agriculture.

**Keywords:** chronicles; Machado de Assis, Asia.

A trajetória da crônica no Brasil demonstra a ligação com a literatura nacional e também com a consolidação do jornal impresso. Nesse sentido, os estudos sobre as crônicas jornalísticas contam com contribuições de diferentes áreas de conhecimento, e elas tendem a ser compreendidas como “gênero híbrido”, evidenciando as relações entre literatura e jornalismo. Compostas na perspectiva do “simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p. 13) ou das “cousas miúdas”, essas crônicas são objetos ricos em detalhes da vida comum e possibilitam – não menos que outras formas literárias – percepções sobre o contexto em que foram produzidas. Assim, elaboradas na urgência do tempo do jornal, elas dialogam com o cotidiano do escritor e do leitor, tendo como uma de suas especificidades as intertextualidades com o próprio suporte.

Machado de Assis está entre os mais renomados cronistas brasileiros, e sua atuação foi fundamental na consolidação do gênero. O texto de sua autoria central para esta análise foi parte da série “A Semana”, publicada entre 1892 e 1897 na *Gazeta de Notícias*.<sup>1</sup> Esse jornal havia sido fundado em 1875 e foi um dos principais do Rio de Janeiro, tratava-se de “um jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar” (SODRÉ, 1999, p. 224). De acordo com John Gledson, “Machado publicou 475 crônicas na *Gazeta*, mais de três quartos da sua produção no gênero”, sendo que mais da metade destas estaria em “A Semana” (GLEDSON, 2008, p. 15).

O objetivo é analisar a presença do Japão e da China na crônica.<sup>2</sup> Tal temática fazia sentido, em especial, pelos debates que ocorriam naquele momento sobre a necessidade de substituição da mão de obra e as

---

<sup>1</sup> As transcrições das crônicas e das notícias foram feitas a partir dos jornais disponibilizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[www.bndigital.bn.gov.br](http://www.bndigital.bn.gov.br)>.

<sup>2</sup> De acordo com Osmar Pereira Oliva, no artigo “Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de ‘A Semana’”, o Oriente, de forma mais abrangente do que analisado aqui, aparece em 30 das 180 crônicas dessa série. Em seu levantamento, pontua: “Dessas crônicas, 6 discutem a imigração chinesa e japonesa, 2 refletem sobre o socialismo e o espiritismo na China, 5 descrevem guerras, conflitos e mortes na China, no Japão e na Pérsia, 1 narra a presença de turcos no Rio de Janeiro, 1 é dedicada ao liberalismo chinês, 1 ao casamento no Oriente, 1 é escrita em forma de poema oriental dialogado, 10 são reescrituras do livro da bíblica (*sic*), com predominância pelas passagens do livro de Gênesis, especialmente as passagens sobre Adão e Eva e a origem do mundo cristão e sobre o dilúvio, e 3

possibilidades de imigração de trabalhadores. Com as leis que diminuían os mecanismos de aquisição e manutenção de escravos, estabeleceu-se o debate sobre quem iria substituí-los e, neste momento, também havia embates acerca dos projetos de nação que se vislumbrava. Diante das dificuldades da imigração desejada, os asiáticos foram vistos como solução temporária e intermediária entre o imigrante, branco e europeu, e o escravo, negro e africano.

Quando Machado escreveu a série “A Semana” já estava estabelecida a República e o debate sobre as relações com o Japão se intensificava. Nos jornais, eram recorrentes as notícias sobre a guerra Sino-Japonesa, evento marcante do expansionismo japonês após o fim de sua política isolacionista. Além disso, já fazia mais de uma década da assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e a China (1881), e com o Japão o mesmo seria estabelecido em 1895. Deste modo, tratar desses temas nas crônicas correspondia à agenda de interesses internacionais em diálogo com as demandas nacionais, especialmente em relação à imigração, ao debate racial e à política externa.

Naqueles anos, Machado de Assis atuava no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Com isso, o autor teve a possibilidade de estar a par das discussões sobre a vinda desses imigrantes, tanto que esse foi um dos temas do Congresso Agrícola do Rio de Janeiro em 1878. Mas o debate ultrapassava o Congresso, era tratado por personagens políticos e da oligarquia. Também havia nos jornais a presença de notícias do exterior de informantes brasileiros, mas majoritariamente de traduções de periódicos europeus, demonstrando possibilidades de circulação de informações e visões de mundo no século XIX.

Quando o cronista escrevia sobre a China ou o Japão era quase inevitável que seu conhecimento passasse por algum tipo de tradução, pois o acesso a estas realidades ocorria por leituras estrangeiras. Algumas destas podem ser encontradas nas próprias crônicas, seja com traduções literais ou por outras apropriações do original, como os usos de informações traduzidas de livros, agências e telegramas internacionais, que eram acessíveis em periódicos brasileiros na segunda metade do século XIX.

Considerando que a informação provinha de outra língua, entende-se que ocorria uma “tradução interlingual”, ou seja, “uma interpretação

---

estabelecem uma relação entre Oriente e Romantismo, pela perspectiva da fantasia, do mistério e da imaginação” (OLIVA, 2008, p. 8).

de signos verbais por meio de alguma outra língua” (JAKOBSON, 1959, p. 233, tradução minha).<sup>3</sup> Com isso, alcançava-se uma mensagem equivalente, mas não idêntica à original. Cabe considerar que nem sempre esse processo foi feito pelo próprio Machado. Ainda, neste caso, poderíamos dizer que, quando o cronista realizava a tradução, ele fazia nos termos de uma “tradução criativa”, em que

o tradutor busca formular na língua e na cultura de chegada a sua leitura, a sua vivência, a sua sensibilidade, o seu texto. Como produto, o texto traduzido, nestas condições, assemelhar-se-á em grande parte ao texto traduzido na perspectiva assimilativa, sem, porém, uma subserviência à norma e aos usos, à rotina, enfim, da língua/cultura de chegada. Será, sobretudo, um texto novo, um texto plenamente autônomo (AUBERT, 1995, p. 36).<sup>4</sup>

É passível de questionamento a plena autonomia desse texto, contudo não é intuito deste artigo. Interessa-nos compreender os mecanismos pelos quais a realidade de determinados países da Ásia e os discursos sobre os trabalhadores vindos desses locais eram apreendidos e expostos na crônica de Machado. Foram diferentes movimentos que tornaram possível que um brasileiro tivesse subsídios para debater e escrever sobre questões distantes em diversos aspectos.

A crônica em questão foi publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias* de 28 de outubro de 1894, inserida na coluna “A Semana”, sem assinaturas; embora, ainda na capa, o autor estivesse listado como um dos representantes do jornal. Iniciava o texto comentando sobre o enviado do governo japonês ao Brasil:

O momento é japonês. Vêde o contraste d’aquelle povo que, enquanto acorda o mundo com o annuncio de uma nova potencia militar e política, manda um commissario ver as terras de São Paulo, para cá estabelecer alguns dos seus braços de paz. Esse commisario, que se chama Sho Nemotre, escreveu uma carta ao *Correio Paulistano* dizendo as impressões que leva d’aquella

<sup>3</sup> “an interpretation of verbal signs by means of some other language”.

<sup>4</sup> O autor define “tradução assimilativa” aquela que “o que se persegue passa a ser a substituição plena dos componentes linguísticos-culturais do texto de partida por constituintes linguísticos culturais claramente identificados com o espaço de recepção do texto traduzido” (AUBERT, 1995, p. 35).

parte do Brasil. “Levo, da minha visita ao Estado de S. Paulo, as impressões mais favoráveis, e não vacillo em afirmar que acho esta região uma das mais bellas e ricas do mundo. Pela minha visita posso afiançar que o Brasil e o Japão farão feliz amizade, a emigração será em breve encetada e o commercio será reciprocamente grande” (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

Machado dialogava com a notícia publicada no *Correio Paulistano* do dia 20 daquele mês, intitulada “Sho Nemoto em S. Paulo: visita do enviado especial do governo do Japão ao Estado de S. Paulo”, em que o trecho transcrito pelo autor era um entre tantos que tratava da possibilidade de imigração: “O immigrante pôde perfeitamente se instalar no Brazil e formar ahi um peculio bem regular num prazo não muito longo” (*Correio Paulistano*, 20 out. 1894). Além disso, Sho Nemoto fazia elogios às fazendas de café, ao porto de Santos, à estrada de ferro da São Paulo Railway Company e a fatores como clima e hospitalidade. No dia da publicação da crônica, a *Gazeta de Noticias* trouxe o mesmo depoimento, dando subsídios para que os leitores cariocas tivessem acesso ao material da imprensa paulista comentado por Machado.

A vinda de Sho Nemoto foi uma das primeiras visitas para estabelecimento de relações diplomáticas das quais decorreriam a imigração japonesa. No século XIX, a agricultura impulsionava grande parte do mercado brasileiro. A Lei Áurea, assinada em 1888, e as leis que a antecederam traziam novas demandas para os que tinham seus negócios dependentes da exploração de escravos. Neste sentido, a imigração surgia como uma possibilidade de suprir a necessidade de trabalho nas lavouras, mas sob condições ainda precárias.

A questão da imigração chinesa, antes da japonesa, foi tratada por personagens tanto favoráveis quanto contrários a ela. Os primeiros tendiam a ver o *chim* – termo utilizado em relação aos trabalhadores de origem chinesa – como elemento necessário e temporário. Já os contrários, como Eduardo Augustto Pereira de Abreu – representante dos lavradores da cidade de Silveiras, São Paulo, em seu discurso no Congresso Agrícola do Rio de Janeiro de 1878 –, consideravam “uma calamidade para a actual lavoura” a vinda de “machinas retrogradadas e gastas exportadas da China”. A ideia de “transição” estava a todo momento atrelada àqueles asiáticos, ainda no mesmo evento eram taxados de: “semibárbaro”, “meia escravidão”, “trabalhadores jornaleiros”. Aparentemente, a relação e os qualificadores dados aos japoneses eram diferentes.

Nesse sentido, Machado apresentava na crônica um dos casos específicos como o do magistrado e abolicionista Manoel Peixoto Lacerda Werneck:<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo, o Sr. Dr. Lacerda Werneck, um dos nossos lavradores esclarecidos e competentes, acaba de publicar um artigo commemorando os esforços empregados para a próxima vinda de trabalhadores japonezes. “É do Japão (diz elle) que nos ha de vir a restauração da nossa lavoura.” S. Ex. falla com enthusiasmo d’aquella nação civilisada e prospera, e das suas recentes victorias sobre a China (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

O Japão era positivado em comparação à China, mas isso não se dava de forma desinteressada, pois Lacerda Werneck era membro da diretoria da Companhia Oriental de Imigração e Commercio, cuja finalidade era “promover a immigração e o commercio da China e do Japão com o Brasil e outros paizes da America do Sul” (*Gazeta de Noticias*, 20 out. 1894). Com isso, era diretamente beneficiado por esses acordos internacionais.

Para além da *Gazeta*, a intertextualidade em relação aos periódicos nacionais também pode ser acompanhada com o jornal *A Noticia*, mais especificamente a edição de 25 de outubro, que dava destaque à vinda do ministro italiano que se encontrava no Japão e que viria a se estabelecer no Brasil. Os jornais cariocas tratavam sobre as “reclamações italianas”, relativas aos contratos e concessões prometidas e não cumpridas pelo governo brasileiro. Dizia o cronista:

Não esqueçamos a circumstancia de vir do Japão o novo ministro italiano, segundo li na *Notícia* de quinta-feira, facto que, se é intencional, mostra da parte do rei Humberto a intenção de ser agradável ao nosso paiz, e, se é casual, prova o que eu dizia a princípio, e repito, que o momento é japonez. Tambem eu creio nas excellencias japonezas, e daria todos os tratados de Tien-Tsin por um só de Yokohama (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

---

<sup>5</sup> Cabe afirmar que seu irmão, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, era também tratado como Dr. Lacerda Werneck. Este foi autor de diversas publicações, como “Idéias sobre colonisação precedidas de uma succinta exposição dos principios geraes que regem a população” (1855).

*A Notícia*, por sua vez, reportava essa informação a partir do “telegrama que ‘A Notícia’ recebeu hontem de Pariz” (*A Notícia*, 25 out. 1894). Machado a parafraseava, articulando com outras referências.

Machado utilizava como exemplo na crônica o Tratado de Tien Tsin, um destes havia sido assinado durante a Segunda Guerra do Ópio devido a interesses comerciais, em especial ingleses, na China. Este acordo, entre outras iniciativas, abria portos aos estrangeiros e lhes dava o direito de fixar legação diplomática em Pequim. Ainda um tratado homônimo foi assinado, em 1880, entre Eduardo Callado e Arthur Silveira da Mota, representantes do Império do Brasil. Machado afirmou que trocaria por um de Yokohama, referindo-se às relações com o Japão, recentemente aberto ao exterior e entendidas como mais promissoras do que com o outro país. Isto demonstra que havia um conhecimento corrente sobre as questões políticas dos diferentes países asiáticos, levando em conta suas especificidades e hierarquizações presentes no imaginário da época.

As referências aos jornais são estratégias de dar credibilidade ao texto e demonstrar que o autor, bem informado, dialogava com os acontecimentos recentes e com o próprio suporte da crônica. Essas intertextualidades fazem com que o leitor contemporâneo compreenda as referências e se aproprie do texto; por outro lado, faz com que o pesquisador leve em consideração, mesmo que não as tenha como objetivo, essas vinculações que em um primeiro olhar podem ser compreendidas como figuras de linguagem sem vínculo referencial direto.

Nesse sentido, há semelhanças ao que María Guerrero escreveu sobre a necessidade de estarmos atentos aos diferentes parâmetros do original, quando o texto de jornal é traduzido e ocorre a mudança do sistema sociocultural. A questão aqui é que essas notícias não são unicamente traduzidas de outras línguas, mas lidas, apropriadas e dispostas nas crônicas em outro contexto.

O texto que foi publicado em um espaço concreto, em um determinado enquadramento espaço-temporal, com receptores e funções específicos, sofre uma série de transformações quando traduzido para outra língua e cultura e publicado em outro jornal. Pode ser utilizado com função idêntica ou distinta do canal matriz,

mas sempre em um novo quadro comunicativo, específico para o novo receptor e as características do novo canal (GUERRERO, 2006, p. 129, tradução minha).<sup>6</sup>

Ocorrem, com isso, modificações significativas em relação ao original que se vinculam às mudanças de momento e tipo de publicação. Mesmo se tratando de um texto literário, a crônica é pautada pela lógica do jornal no qual se insere. Nesse sentido, permanece válida a consideração da autora sobre as transformações existentes quando se traduz textos de periódicos. Afinal, a crônica jornalística tem como característica o diálogo com as notícias e o caráter opinativo, mas é necessário que tais referências sejam inteligíveis para o leitor, pois ela também informa e permite a reflexão sobre a informação.

Quando Machado comunicava sobre uma notícia de jornal estrangeiro, mudava a disposição de espaço, o suporte e as possibilidades de inseri-la em sua integridade ou não. Para Guerrero, há a distinção entre gêneros informativos, argumentativos e interpretativos, onde podemos enquadrar a crônica. Cada um tem especificidades na tradução; contudo, o caso visto apresenta o uso em um gênero interpretativo de um informativo e, para a autora, com a mudança de espaço, pode-se recorrer à elisão, compressão e amplificação do texto, para que funcione no novo “quadro comunicativo” (GUERRERO, 2006, p. 135).<sup>7</sup>

Não que Machado o fizesse conscientemente, levando em conta que o contexto da autora não era o oitocentos brasileiro, mas a análise sobre tradução em periódicos nos auxilia a compreender a forma como essas intertextualidades ocorreram. Há meios utilizados por Machado de Assis em suas crônicas para realizar tal transposição de informações, sem que elas fossem necessariamente conscientes enquanto técnicas ou que

---

<sup>6</sup> “El texto que originalmente se publicó en un periódico concreto, en un marco espacio-temporal determinado, para unos receptores dados y con una función específica, sufre una serie de transformaciones cuando se traduce a otra lengua y cultura y se publica en otro diario. Éste lo puede utilizar con idéntica o distinta función que el canal matriz, pero siempre en un nuevo marco comunicativo, muy determinado por el nuevo receptor y las características del nuevo canal”.

<sup>7</sup> “independientemente del espacio asignado, se recurra con frecuencia a la elisión de partes del texto (con información que no se considera relevante para el nuevo lector), junto con la compresión y la amplificación; son técnicas necesarias para que la noticia funcione como tal en el nuevo marco comunicativo”.



houvesse metáfrase das notícias. Assim, surge a paráfrase como meio de intertextualidade e de amplificação das informações para o novo público.

Outras referências mais próximas do momento da escrita provinham de telegramas. Era o caso dos expostos na própria *Gazeta de Notícias* e apresentados poucos dias antes da crônica de 28 de outubro, como o de Tóquio dizendo que “A Dieta japoneza repelio a ingerência das nações estrangeiras no conflito que o Japão está sustentando com a China” (*Gazeta de Notícias*, 24 out. 1894) e o de Paris contando “notícias de um forte tremor de terra no Japão, que além dos estragos materiais que ainda não podem ser avaliados, matou 260 pessoas e feriu muitas outras” (*Gazeta de Notícias*, 25 out. 1894). A *Gazeta de Notícias* apresentava problemáticas não apenas da política internacional, mas também da situação interna do país, possibilitando maior conhecimento e uma suposta proximidade com a realidade distante. O segundo telegrama dividia a página com um artigo de duas colunas, intitulado “A arte da guerra”, comentando sobre a Batalha Naval de Yalu ocorrida no mês anterior, um dos combates mais significativos da Guerra Sino-Japonesa. A publicação assinada por C. Zarco Mora, pseudônimo do diplomata português Jaime Batalha Reis (ANDRADE, 1999. p. 427), terminava advertindo, após comentar sobre o poderio naval e bélico usado nas batalhas:

Consideremos todos egoisticamente o extremo oriental da Asia como campo de experiências, e estudemos em acção – *in anima sineusi*, – os nossos inventos destruidores.

E depois, quem sabe se não começará a ser urgente saber bem o que póde ser uma guerra moderna internacional? Quem sabe o que póde ainda produzir, no mundo, uma pendencia sino-japoneza?

Atenção pois, e, pela minha parte, até breve. Londres, setembro de 1894. – C. Zarco Mora (*Gazeta de Notícias*, 25 out. 1894).

Na mesma edição ainda estava o modelo do “Contracto para introdução de imigrantes”, da Companhia Oriental de Imigração e Commercio, com 15 cláusulas sobre o contrato de japoneses para lavoura; sem contar a recorrência da coluna intitulada “China e Japão”, que trazia notícias sobre o andamento da Guerra Sino-Japonesa. Essas eram, majoritariamente, notícias do Japão vindas “das folhas europeas recém-chegadas” (*Gazeta de Notícias*, 25 out. 1894) ou de telegramas, como era o caso dos publicados em jornais londrinos e traduzidos para o público brasileiro.

Assim, quando Machado anunciou que “o momento é japonês”, não falava apenas de um tema, mas suas crônicas compunham críticas às formas de trabalho, bem como comentários sobre a possibilidade de imigração, a guerra vigente e o expansionismo japonês. Além disso, é importante enfatizar que a visão depreciativa acerca dos chineses em muito se dava pelas condições socioeconômicas do país decorrentes dos avanços do imperialismo europeu, foi marcante, nesse sentido, o cenário precário após a Guerra do Ópio (1839-1842 e 1856-1860).

Essas considerações distintas entre os dois povos – chineses e japoneses – eram perceptíveis na sociedade brasileira do final do século XIX e a língua foi uma das características usadas pelo cronista para diferenciá-los. Machado, em crônica publicada em 16 de outubro de 1883, na série “Balas de Estalo”, fez uma pseudo transcrição de uma carta enviada por Tong Kong Sing – “hospede ilustre”, “o mandarim” –, com suas impressões sobre o Brasil. O cronista afirmava: “Não traduzi a carta, para lhe não tirar o valor. Além d’isso, ha d’ella alguns juizos demasiado crus, que melhor é fiquem conhecidos tão sómente dos que sabem a lingua chinesa. Em alguns logares, o meu illustre correspondente inseriu expressões nossas”. E fingiu transcrever a carta, com um jogo entre palavras em português e termos com características do chinês. O tratamento desta língua como algo primitivo condiz com a crítica à forma como eram tratados tais trabalhadores, afinal se a língua é entendida como um fato histórico e cultural ela é parte constituinte da formação da percepção do outro.<sup>8</sup>

Retornando à crônica de 1894, ao comentar sobre os trabalhadores chineses, Machado dizia:

A tristeza é natural que a tenham agora, se acaso o interprete lhes lê os jornaes; mas é provável que não os leia. Melhor é que ignorem e trabalhem. Antes plantar café no Brasil que “plantar figueira” na Coréia, perseguidos pelo marechal Yamagata. Já este nome é célebre! Já o almirante Ito é famoso! Do primeiro disse a *Gazeta* que é o Moltke do Japão. Um e outro vão dando galhardamente o recado que a consciencia nacional lhes encommendou para fins historicos (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

<sup>8</sup> Para exemplificar, em um dos trechos o autor escreve: “Ita poxta. China kiva Li-vai-pé, abá naná Octaviano Hudson, naka panaka, neka paneka, mingú. Musa vira kassete” (*Gazeta de Noticias*, 16 out. 1883). Esta crônica, em especial a linguagem utilizada por Machado, é analisada com maior propriedade pela pesquisadora Shirei Lica Hashimoto (2012).

A dificuldade com a língua demonstrava o desconhecimento e acarretava na impossibilidade de reação que, possivelmente, os *chins* teriam acerca do que era debatido nacionalmente sobre eles. “Melhor é que ignorem e trabalhem”, colocava o autor. Nota-se que há nesse conhecimento do “outro” muito de dominação e, se a própria diferença de Oriente e Ocidente é elaborada, como demonstrou Edward Said (2001), temos que levar em conta que nessa falta de espontaneidade estão interesses políticos, sociais e econômicos. Não é diferente nos textos jornalísticos tratados neste artigo, que buscam compreender o asiático como melhor convém aos seus projetos, o que parece ser criticado por Machado.

Nesse sentido, cabe abrir espaço para outra crônica significativa desse processo, publicada em 1883, na série “Balas de Estalo”, em que Machado forjava um ofício impresso na *Gazeta de Londres*, que ironizava o modo como era tratado o trabalhador chinês, fazendo alusão ao termo *chim* e sua aproximação com “chimpanzé”. A partir do suposto informe do “vice-rei da Índia ao Conde Granville”, dizia:

A primeira vantagem do chim-panzé é que é muito mais sobrio que o chim commum. As aves domesticas, geralmente apreciadas por este, (gallinhas, patos, gansos, etc.), não o são pelo outro, que se sustenta de côcos e nozes. O chim-panzé não usa roupa, calçado ou chapéu. Não vive com os olhos na patria; ao contrário, Sir John Sterling e seus parentes affirmam que têm conseguido fazer com que os chim-panzés mortos sejam comidos pelos sobreviventes, e a economia resultante d’este meio de sepultura pôde subir, n’uma plantação de dois mil trabalhadores, a duzentas libras por anno. Não tendo os chim-panzés nenhuma especie de sociedade, nem instituições, não ha em parte alguma embaixadas nem consulados; o que quer dizer que não há nenhuma especie de reclamação diplomatica, e pôde V. Ex. calcular o socego que este facto traz ao trabalho e aos trabalhadores. Está provado que toda a rebellião do chim-commum provém da imagem, que elles têm presente, de um governo nacional, um imperador e innumerous mandarins. Por outro lado, a imprensa não poderá tomar as dores por elle, para não confessar uma solidariedade da especie, que ainda repugna a alguns (*Gazeta de Noticias*, 23 out. 1883).

Pelo tom sarcástico do autor não há como considerarmos outra coisa senão sua crítica ao modo como aqueles eram tratados. Machado de Assis, ciente do debate sobre as más condições dos chineses que

migravam para outros países, parece pôr em questão e dar visibilidade a esses problemas por meio de suas ironias. Essa crônica de 1883 demonstra que tal possibilidade de substituição de mão de obra já estava sendo tratada nos jornais e pelo cronista desde antes do texto de 1894 que analisamos. Neste, retoma:

Não sou nenhuma alma ingrata que negue ao chim os seus poucos meritos; confesso-os, e chego a applaudir alguns. O maior d'elles é o chá, merecimento grande, que vale ainda mais que a philosophia e a porcellana. E o maior valor da porcellana, para mim, é justamente servir de vehiculo ao chá. O chá é o unico parceiro digno do café. Temos tentado fazer com que o primeiro venha plantar o segundo, e ainda me lembra a primeira entrada de chins, vestidos de azul, que deram para vender pescado, com uma vara ao hombro e dous cestos pendentes, – o mesmo aparelho dos actuaes peixeiros italianos. Agora mesmo ha fazendas que adoptaram o chim, e, não há muitas semanas, vi aqui uns tres que pareciam alegres, – por bocca do interprete, é verdade, e das traduções falladas se pode dizer o mesmo que das escriptas, que as ha lindas e perfidas. De resto, que nos importa a alegria ou a tristeza dos chins? (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

O chá era parte do estereótipo chinês. Os primeiros colonos e agricultores chineses vieram em 1814, quando Dom João VI visou incentivar a cultura de chá, trazidos da colônia portuguesa de Macau (DEZEM, 2005, p. 49). Transformar o Brasil em um produtor foi, entretanto, uma empreitada sem grande sucesso. Esses asiáticos se dispersaram pelo interior do país, alguns tornaram-se mascates e pequenos comerciantes. Posteriormente, outras iniciativas ocorreram. Mas nos impressos da época é perceptível a imagem do chinês como fisicamente fraco e de caráter duvidoso.

Como visto, havia o debate entre favoráveis e contrários à inserção desses trabalhadores no Brasil, e parte da crítica levantava a questão de que teria semelhanças ao sistema escravista, mantidos através de contratos que davam plenos poderes aos empregadores. Um dos modelos desses acordos, publicado em 1877, afirmava: “eu me submetto ao systema de disciplina ahi usado por falta de applicação e constancia no trabalho”. Além disso, o trabalhador poderia ser “transferido” para outro senhor, sendo a decisão unicamente daquele que tivesse seu contrato. Consta ainda sobre a baixa remuneração:

Declaro que me conformo com o salario estipulado n'este contracto ainda que me conste que é muito maior o que ganhão os jornaleiros livres ou escravos no Brasil porque esta diferença, a julgo compensada por outras vantagens que me proporciona o meu patrão e que se achão estipuladas n'este contracto (SOCIEDADE, 1877, p. 19).<sup>9</sup>

As crônicas de Machado davam visibilidade para tal situação, pois, assim como havia ironizado em 1883, o autor destacou a utilização dessa dificuldade de comunicação como estratégia de manipulação não só dos imigrantes, mas daqueles que sabiam de suas opiniões por meio da tradução, que poderia ser “pérfida”, escamoteando a realidade.

Com isso, parece ingênuo considerar que a pergunta de Machado – “que nos importa a alegria ou a tristeza dos chins?” – fosse algum tipo de consentimento simplista com a suposta inferioridade daqueles. A construção do texto parece mais refinada, dialogar com uma ideia corrente permite a reflexão sobre ela e demonstra seu caráter duvidoso. Machado de Assis debatia problemas latentes no século XIX: a formação da sociedade brasileira e o trabalho. O questionamento sobre a hierarquização de pessoas a partir de suas origens já era presente em suas críticas sobre a sociedade de sua época.

Ainda comentando sobre a vinda de japoneses, Machado concluiu:

O momento é japonéz. Que esses braços venham lavrar a terra, e plantar, não só o café, mas também o chá, se quizerem. Se forem muitos e trouxerem os seus jornaes, livros e revistas de clubs, e até as suas moças, alguma necessidade haverá de aprender a lingua delles. O padre Lucena escreveu, ha tres seculos, que é lingua superior á latina, e tal opinião, em bocca de padre, vale por vinte academias. Tenho pena de não estar em idade de a aprender também. Estudaria com o próprio comissário Sho Nemotre, que esteve agora em S. Paulo; ensinar-lhe-hia a nossa lingua, e chegaríamos á convicção de que o almirante Ito é descendente de uma família de Itú, e que

---

<sup>9</sup> O documento foi apresentado na obra *Demonstração das conveniencias e vantagens á lavoura no Brasil pela introdução dos trabalhadores asiaticos (da China)*, publicada em 1877, no Rio de Janeiro, onde constava também o Tratados de Amizade, discursos, documentos e legislações vinculadas aos contratos e transportes de chineses, artigos de periódicos; material organizado pela Sociedade Importadora de Trabalhadores Asiáticos, formalizada pelo Decreto n. 4547, de 9 de julho de 1870.

os japonezes foram os primeiros povoadores do Brasil, tanto que aqui deixaram a japona. Ruim trocadilho; mas o melhor escripto deve parecer-se com a vida, e a vida é, muitas vezes um trocadilho ordinário (*Gazeta de Noticias*, 28 out. 1894).

Embora no trecho possa haver certo questionamento em relação à veracidade do que era dito pela “bocca do padre” – levando em conta que Machado mantinha postura crítica sobre a Igreja, o que também fazia o proprietário da *Gazeta de Noticias*, Ferreira de Araújo, que era próximo do autor (RAMOS, 2016, p. 60) –, a obra do Padre Lucena esteve presente em suas crônicas. Meses depois, Machado tornou a comentar sobre o Japão e sua língua por intermédio dele:

Segundo um velho frade que narrou as viagens de S. Francisco Xavier por aquellas terras, ha alli diversos vocabularios para uso das pessoas que fallam, a quem fallam, de que fallam, que idade tem quando fallam e quantos anos tem aquellas a quem fallam (*Gazeta de Noticias*, 21 abr. 1895).

Nota-se que havia intertextualidades para além dos jornais. Mesmo diante das ironias, a obra “Historia da vida do padre Francisco de Xavier, e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus”, do padre português, foi utilizada pelo escritor para analisar a cultura asiática. Publicado em 1600, na cidade de Lisboa, um exemplar do livro foi comercializado, dois séculos depois, entre “obras de grandes escriptores classicos”, anunciado a partir da venda em quatro volumes (*Gazeta de Noticias*, 19 jan. 1885). Apenas em “A Semana”, o autor comentou em ao menos quatro momentos sobre o impresso, debatendo aspectos como o trabalhador chinês, a língua japonesa e as religiões asiáticas.

Em crônica anterior da mesma série, Machado escreveu:

Depois, o trabalho. Que outro bicho humano iguala o chim? Um cego, entre nós, pega da viola e vai pedir esmola cantando. Ora, o padre João de Lucena refere que na China todos os cegos trabalham de um modo original. São distribuídos pelas casas particulares e postos a moer arroz ou trigo, mas de dois em dois, “por que fique assim a cada um menos pesado o trabalho com a companhia e conversação do outro”. Os aleijados, se não têm pernas, trabalham de mãos; os que não tem braços, andam ao ganho com uma cesta pendurada ao pescoço, para levar compras ás casas dos que os chamam, – ou servem de correio a pé. Aproveita-se alli até o ultimo caco de homem (*Gazeta de Noticias*, 18 set. 1892).

O autor fez uma citação direta do texto de Lucena para compor a condição precária do trabalhador chinês explorado até situações extremas. Essa compreensão de que os chineses eram “aproveitados” até o “ultimo caco de homem” contrapunha-se à ideia de que naquele momento tais trabalhadores seriam livres. Todavia, Machado adapta para sua temporalidade e realidade, considerando que nos termos do padre havia marcas linguísticas da época e de condições de impressão.<sup>10</sup>

O acesso à obra de Lucena é significativo. A globalização da cultura, como pontua Márcia Abreu, “remonta ao início do século XVI, quando os europeus – e, em especial, as monarquias ibéricas – começaram a conectar as ‘quatro partes do mundo’” (ABREU, 2011, p. 115), aumentando no decorrer dos séculos pela ampliação do público leitor e desenvolvimento tecnológico, tanto na produção dos impressos quanto nas possibilidades de circulação deles, especialmente pelo transporte marítimo. Dessa circulação também foi beneficiária a crônica jornalística, considerada decorrente do desenvolvimento do folhetim francês que, de acordo com o próprio Machado, era uma “planta europeia” que se estabelecia, com certas dificuldades, ao Brasil (ASSIS, [1859] 2011, p. 70-71).

Nesse sentido, Machado lia Lucena como referência sobre a Ásia mediada pela visão portuguesa e cristã, que via naquele “outro” alguém a ser cristianizado e “civilizado”. De modo geral, os qualificativos dados aos japoneses iam paulatinamente se diferenciando dos demais. Havia a imagem favorável em relação àqueles, especialmente a partir dos anos finais do século XIX, devido às mudanças políticas significativas que tornavam o Japão mais próximo do Ocidente, característica marcante da Era Meiji. Nesse sentido, Machado comentava sobre a produção dos irmãos Goncourt e o japonismo, na medida em que esses teriam “inventado” o movimento artístico. Por outro lado, o Japão “inventava-se a si mesmo” naquele século em que se abria ao exterior, colocando-se como nação com poder decisório internacional.

Um japonismo feito em leilões, outro em campos de batalha. Contudo, o que apareceu como uma narrativa geralmente louvável foi, por outro lado, nociva para países asiáticos onde suas atitudes de dominação foram violentas. Para Machado, o Japão “forjava a espada que um dia viria pôr na balança dos destinos da Ásia” (*Gazeta de*

---

<sup>10</sup> Estava: “porque fique assi a cada hum menos pesado o trabalho da atafôna, ou mó de braço com a companhia, & conversaçam do outro” (LUCENA, 1600, p. 876).

*Noticias*, 28 out. 1894). Pois empreendeu “uma série de aventuras militares como a Guerra Sino-Japonesa, a anexação de Formosa, a intervenção na Guerra dos Boxers, a Guerra Russo-Japonesa, a anexação da Coréia e outras” (YAMAMURA, 1996, p. 135).

Com esta análise encontramos algumas das referências lidas e debatidas por Machado de Assis, bem como o modo pelo qual lidava com elas diante das questões nacionais. Não era uma simples aceitação de ideias do exterior, mas uma compreensão e uso crítico diante da realidade vivida pelo autor. É interessante notar as considerações distintas sobre chineses e japoneses e como as línguas eram debatidas como forma de diferenciar e caracterizar esses “outros”. Assim, tendo em vista que seu conhecimento sobre o tema era recorrentemente mediado por notícias, livros e telegramas internacionais, entende-se que ocorreram processos de tradução aos quais podemos nos atentar para analisar a elaboração da crônica. Pois a língua é instrumentalizada “como um meio fundamental para a autopercepção e para a percepção da alteridade, do familiar e do estranho, para a reiteração confirmatória do conhecido, para o desbravamento ou denegação do desconhecido ou, ainda, para a negociação, por vezes penosa, entre o suposto conhecido e o suposto desconhecido” (AUBERT, 1995, p. 32).

As línguas são cultural e historicamente expressivas, suas palavras e seus usos apresentam a visão de mundo de determinado grupo. Por serem coletivas, são fundamentais na formação da opinião pública e de imaginários sociais, bem como na “negociação” com o “desconhecido”. Os processos de tradução, de circulação de informações, de modificação e compreensão da língua do outro, permitem com que novas aproximações sejam feitas, mas não de maneira desinteressada, fazendo com que realidades tão distantes quanto o Brasil e os países asiáticos tivessem contato mediado, muitas vezes, por outros agentes. Isso é esclarecedor também de como nosso conhecimento foi – e em certa medida ainda é – apropriado em escala global e com implicações locais; através das lentes de terceiros com maior expressividade política e econômica, como eram a Inglaterra e a França no século XIX.

A leitura e o que foi posto nas crônicas de Machado de Assis são considerações parciais e dispostas dentro de um universo de possibilidades demarcado pela realidade vivida. As referências apontadas são importantes para entendermos tanto o funcionamento da crônica jornalística, os comentários do autor, suas relações e opções, quanto para



demonstrar que havia circulação e interesses no debate sobre China e Japão vinculados com problemáticas estrangeiras e nacionais. Contudo, sabe-se que tomar a obra como um apanhado de referências não satisfaz a análise, considerando que a historicidade dela está em como o autor transformou a materialidade da vida em forma literária. Por isso, foram analisados percursos pelos quais tais informações passavam a partir de uma leitura da crônica que buscou se aproximar das experiências do autor e das vinculações com o suporte. Além disso, o tema tornou importante aproximações com outras áreas de conhecimento para compreender a dinâmica que ultrapassava fronteiras nacionais.

Por fim, a descrição do outro também comunica sobre quem observa e a realidade em que vive. Aquele que escreve se dispõe a falar pelo outro, faz uma distinção geográfica, psicológica, sociológica, estética, considerando que todo conhecimento é político e tem influência no meio que se insere. Esses textos não estavam alheios às concepções de raça, poder, gênero, cultura, valores nos quais tanto Machado de Assis quanto seus interlocutores estrangeiros se constituíram enquanto indivíduos socialmente atuantes. Assim, o “novo” era reelaborado como conhecido a ser explorado, cada vez mais familiar, mas ainda não totalmente, pois interpretado e apropriado a partir da realidade do observador.

## Referências

ABREU, M. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *LIVRO: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, p. 115-130, 2011.

ANDRADE, A. G. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

ASSIS, M. *O jornal e o livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AUBERT, F. H. Desafios da Tradução Cultural (As aventuras tradutórias do Askeladden). *Revista Tradterm*, São Paulo, v. 2, p. 31-44, 1995.

BAKER, M.; SALDANHA, G. (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. Londres: Routledge, 2009.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

DEZEM, R. *Matizes do Amarelo: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 1883 e 1897. Disponível em: <www.bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2018.

GLEDSON, J. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008

GUERRERO, M. J. H. Técnicas específicas de la traducción periodística. *Quaderns: Revista de traducció*, n. 13, p. 125-139, 2006.

HASHIMOTO, S. L. I. *As representações dos japoneses nos textos modernistas brasileiros*: Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Juó Bananére. 2012. 362 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R. A. (Ed.). *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959. 232-239.

LUCENA, J. de. *Historia da vida do P. Francisco de Xavier, e do que fizeram na India os mais Religiosos da Companhia de Jesus*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600.

OLIVA, O. P. Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A semana”. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A OBRA E O AUTOR, NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE, 1., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Editora UERJ, Editora UFF, Editora EFRJ, 2008. p. 1-12.

RAMOS, A. F. C. *As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOCIEDADE Importadora de Trabalhadores Asiaticos de Procedencia Chinez. Demonstração das conveniencias e vantagens á lavoura no Brasil pela introducção dos trabalhadores asiaticos (da China). Rio de Janeiro: Typ. de P. Braga & C<sup>a</sup>, 1877

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

YAMAMURA, R. J. H. O estabelecimento das Relações Brasil-Japão no século XIX. *Textos de História*, v. 4, n. 1, p. 125-148, 1996.

Recebido em: 01 de abril de 2018.  
Aprovado em: 23 de maio de 2018.

## Errata

<b>Página</b>	<b>Linha/Nota</b>	<b>Onde se lê</b>	<b>Leia-se</b>
18	Linha 2	magistrado e abolicionista	bacharel em Direito e político
18	Nota 5	Francisco	Luiz